

O processo de registro dos sinais soletrados com o uso do sistema de escrita de sinais – SignWriting

Anna Jamilly Santos Martins Pontes¹
jamillymartins@unir.br

Eduardo Medeiros²
eduardo.medeiros@unir.br

Ketlin Amanda da Silva³
silvaketlin2002@gmail.com

Resumo: A presente pesquisa tem por objetivo mapear os sinais soletrados usados na Libras, descrevendo a diferença entre soletração rítmica e datilologia, utilizando como registro dos sinais o SignWriting. Para o corpus da pesquisa será mantido um olhar para alguns autores que contribuíram na Libras, na gramática da Libras Strobel e Fernandes (1998), Felipe e Monteiro (2008), Ferreira (2010), Quadros e Karnopp (2004) Gesser (2009), Segala e Kojima (2012) para a escrita da língua de sinais utilizou-se os autores Stumpf (2005), Barreto e Barreto (2015), Carneiro (2017), Nascimento (2018) e Pontes (2023). A pesquisa é de caráter bibliográfico-descritivo, com uma abordagem qualitativa. A metodologia da pesquisa dar-se-á na leitura de livros, artigos, revistas, dissertações e teses que tenham uma abordagem sobre soletração rítmica, para assim, realizar uma seleção de sinais soletrados na Libras. Após a seleção é constituído o Corpus, realizando descrição dos sinais soletrados na Libras em que são utilizados pela comunidade surda de Cacoal - Rondônia. Como resultado é que alguns sinais ao serem registrados tem perdas fonéticas ou necessita do acréscimo de mais um grafema para ficar claro, e muitos mesmo sendo um sinal soletrado não estão no registro de sinais soletrados.

Palavras-chaves: Libras; Escrita de Sinais; Sinais Soletrados.

¹ Graduada em História pela Universidade Federal do Acre - UFAC, Graduada em Letras Português pela Faculdade Educacional Lapa – FAEL. Pós-graduada em Educação de Surdos/Libras/Interpretação/Tradução pela Faculdade Phênix de Ciências Humanas e Sociais do Brasil. Pro libras em Ensino pela UFSC. Mestre em Letras pela Universidade Federal de Rondônia. Tradutora e Intérprete de Libras na Universidade Federal de Rondônia, Campus Cacoal – UNIR. Professora Voluntária na UNIR.

² Graduado em Pedagogia pela Universidade do Norte do Paraná - UNOPAR, Graduado em Letras Libras pela Universidade Leonardo Da Vinci -UNIASSELVI. Pós- Graduação em Tradução/Interpretação/Docência da Libras pela Faculdade de Ciências Biomédicas de Cacoal-FACIMED. Tradutor Intérprete de Libras na Universidade Federal de Rondônia -UNIR.

³ Acadêmica de Direito pela Universidade Federal de Rondônia. Acadêmica de Letras Libras pela Universidade Leonardo Da Vinci -UNIASSELVI.

Abstract: The present research aims to map the spelled signs used in Libras, describing the difference between rhythmic spelling and typing, using SignWriting as a record of the signs. For the research corpus, a look will be kept at some authors who contribute to Libras, the grammar of Libras Strobel and Fernandes (1998), Felipe and Monteiro (2008), Ferreira (2010), Quadros and Karnopp (2004) Gesser (2009) , Segala and Kojima (2012) for writing sign language, the authors Stumpf (2005), Barreto and Barreto (2015), Carneiro (2017), Nascimento (2018) and Pontes (2023) were used. The research is bibliographic-descriptive in nature, with a qualitative approach. The research methodology will involve reading books, articles, magazines, dissertations and theses that have an approach to rhythmic spelling, in order to make a selection of signs spelled in Libras. After the selection, the Corpus is created, describing the signs spelled in Libras in which they are used by the deaf community of Cacoal - Rondônia. As a result, some signs when registered have phonetic losses or require the addition of another grapheme to be clear, and many, even though they are spelled signs, are not in the register of spelled signs.

Keywords: Libras; SignWriting; Spelled Signs.

INTRODUÇÃO

Com a criação do curso de Letras Libras no Brasil vem crescendo pesquisadores na área de Libras, assim tentando entender como funciona a língua mergulhamos em leituras voltada para a Libras, para desta forma seja um facilitador da comunicação com o aluno surdo, ao realizar a busca por bibliografias na área observou-se que pouco se pesquisa sobre o tema, com esses fatores o registro desses sinais podem contribuir para o engrandecimento da língua, para a linguística, assim como facilitar a comunidade surda no conhecimento, bem como cooperar a novos pesquisadores ou curiosos que queiram emergir na Libras, pois, para desconhecedores da língua, acreditam que todos os sinais são realizados com a datilologia, com o tema poderá quebrar determinados mitos.

O surgimento do tema advém pelo fato de atuarmos em sala de aula Universidade Federal de Rondônia - Unir, como tradutores intérpretes de Libras, no Campus de Cacoal, durante algumas trocas de sinais de sala de aula surgem algumas inquietações do que seria na Libras datilologia e soletração rítmica. Assim, por estarmos inseridos num campo acadêmico, decidimos pesquisar a respeito da temática, tentando desta forma contribuir para nossos conhecimentos e a quem dúvidas obtiver no tema. A relação com a escrita de sinais neste caso o SignWriting como registro por ser umas das escritas das Línguas de Sinais e por uma de nossas

pesquisadoras estudar o SignWriting, assim como meio de contribuição resolvemos realizar a grafia dos sinais.

A metodologia da pesquisa dar-se-á na leitura de livros, artigos, revistas, dissertações e teses que tenham uma abordagem sobre soletração rítmica, para assim, realizar uma seleção de sinais soletrados na Libras. Após a seleção será constituído o Corpus, realizando descrição dos sinais soletrados na Libras em que são utilizados pela comunidade surda de Cacoal - Rondônia. A pesquisa é de caráter bibliográfico-descritivo, com uma abordagem qualitativa. Segundo Gil (2002, p. 45):

A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Essa vantagem torna-se particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço.

A pesquisa tem por objetivo mapear os sinais soletrados usados na Libras, descrevendo a diferença entre soletração rítmica e datilologia, utilizando como registro dos sinais o SignWriting.

Para as o corpus da pesquisa será mantido um olhar para alguns autores que contribuir na Libras, para a gramática da Libras Strobel e Fernandes (1998), Felipe e Monteiro (2008), Ferreira (2010), Quadros e Karnopp (2004) Gesser (2009), Segala e Kojima (2012) para a escrita da língua de sinais utilizou-se os autores Stumpf (2005), Barreto e Barreto (2015), Carneiro (2017), Nascimento (2018) e Pontes (2023).

Para essa pesquisa foram selecionados 28 sinais soletrados, realizado a descrição do sinal, será apresentado uma tabela para fazer a descrição de cada sinal e como foi feita sua sinalização, para o registro será utilizado o SignWriting. A pesquisa está dividida em Introdução, desenvolvimento com o aporte teórico sobre história da língua de sinais, SignWriting, datilologia x soletração rítmica, transcrição dos sinais soletrados com apresentação e descrição como ocorre e quais são os sinais utilizados em Cacoal pela comunidade surda, análise e considerações finais.

1. A HISTÓRIA DA LÍNGUA DE SINAIS

A língua de sinais existe desde a existência da pessoa surda, porém não detém de uma origem fixa de como realmente foi criada. Há registro sobre a existência da pessoa surda em escritos religiosos, porém da língua de sinais iniciam

em Pedro Ponce de Leon, considerado o primeiro professor de surdos, monge beneditino em Onã. Pontes (2023,p.18) explica:

As Línguas de Sinais existem desde que a pessoa surda necessitou de um processo de comunicação para realizar a interação entre seus pares sensoriais sem oitiva, escritos mostram a presença da pessoa surda em documentos como a Bíblia Sagrada. Marcos 7:32 aponta que “ trouxeram-lhe um surdo, que falava dificilmente; e rogaram que pusesse a mão sobre ele”, nesta passagem bíblica e em outras é possível identificar a pessoa surda, mas não se fala sobre o uso da língua de sinais. Durante muitos séculos, a língua de sinais não tinha nenhum reconhecimento enquanto língua, tratada como gestos, mímicas ou pantomima.

Sendo considerado um dos pioneiros na educação de pessoas surdas, Ponce de Leon utilizou como metodologia a datilologia, escrita e oralização, como meio de comunicação. A primeira escola de professores de surdos foi um de seus feitos que corroborou para o ensino da língua de sinais e desenvolvimento pedagógico de surdos de outros países.

Posteriormente, Charles Michael L' Eppé, conhecido por utilizar dos sinais metódicos e ser o “Pai da educação para surdos”, responsável por formalizar a língua de sinais francesa. L'Eppé baseou-se na comunicação gestual utilizada por surdos em Paris. Essa sistematização influenciou indiretamente o desenvolvimento da Libras, que atualmente é constituída pela língua francesa de sinais e sinais utilizados por surdos brasileiros. Assim, Giroletti (2017, p. 46):

Há muita informação conflitua e de certa forma misteriosa sobre o verdadeiro início da Língua de Sinais, por exemplo, quem foi que ensinou a L'Épée a língua de sinais. Teria ele mesmo aprendido com os mendigos surdos que viviam nas ruas? Sabe-se que por volta de 1755, ele inicia, na França, um método para ensinar os surdos a ler, em que associava palavras a figuras e que foi o abade Charles Michel de L'Épée que fundou a primeira escola para surdos que teve auxílio público, e treinou diversos professores na França e Europa.

A língua de sinais no Brasil teve seu início a partir do pedido de Dom Pedro II, ao solicitar a vinda do professor francês Ernest Huet, fundador do INES - Instituto Nacional de Educação de Surdos, anteriormente nomeado, Colégio Nacional para Surdos- mudos, de ambos sexos:

Em junho de 1855, Huet apresentou ao Imperador D. Pedro II um relatório cujo conteúdo revelava a intenção de fundar uma escola para surdos no Brasil. Neste documento, também informou sobre a sua experiência anterior como diretor de uma instituição para surdos na França: o Instituto dos Surdos-Mudos de Bourges. (INES, 2021).

Desta forma, Huet utilizou do método combinado, o alfabeto, sinais e fala, e por conseguinte desencadeou uma repercussão, elevando o nome da instituição e atraindo pessoas de diversos lugares.

Em razão de ser a única instituição de educação de pessoas surdas em território brasileiro e mesmo em países vizinhos, por muito tempo, o INES recebeu estudantes de todo o Brasil e do exterior, tornando-se referência para os assuntos de educação, profissionalização e socialização de sujeitos surdos. (INES, 2021)

A língua de sinais até então não era vista como uma língua, não tinha a padronização linguística como as demais línguas orais. Assim, o pesquisador norte-americano Willian C. Stokoe foi uma figura importante para as línguas de sinais, pois, através de suas pesquisas desencadeou a normalização dos sinais, tornando não somente gestos, mas sim uma língua. Stokoe foi considerado o “pai da língua de sinais Americana”, porém sua contribuição não beneficiou somente os norte-americanos, mas os demais países que utilizavam a língua de sinais, e surdos do mundo todo. Stokoe estruturou a língua de sinais, Quadros e Karnopp (2004) afirmam que:

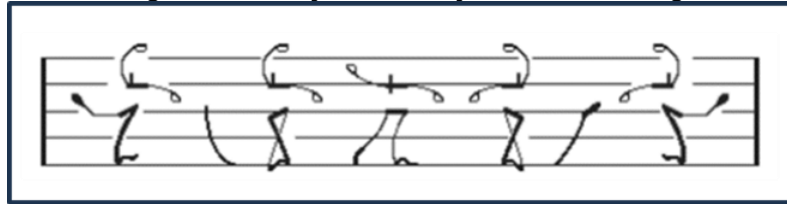
Stokoe propôs um esquema linguístico estrutural para analisar a formação dos sinais e propôs a decomposição de sinais na ASL em três principais aspectos ou parâmetros que não carregam significados isoladamente, a saber: a. Configuração de mão (CM). B. Localização da mão (L) [...] sendo usado aqui como sinônimo de Ponto de Articulação (PA). C. Movimento da mão (M) (Quadros; Karnopp, 2004, p. 48).

Stokoe, em sua pesquisa descreve os três primeiros parâmetros da língua de sinais, depois dele outros pesquisadores descobriram os dois outros parâmetros que compõem a língua de sinais.

2. SIGNWRITING

Valerie Sutton, nascida em 1951, nos Estados Unidos da América, sendo bailarina, em 1972 cria o sistema de notação de dança, o DanceWriting, durante o período de divulgação da escrita do balé o material chegou ao conhecimento de pesquisadores de língua de sinais na Dinamarca, chamando a atenção para esse sistema. Esses pesquisadores convidaram Sutton a realizar um sistema de notação que fizesse o registro da Língua de Sinais.

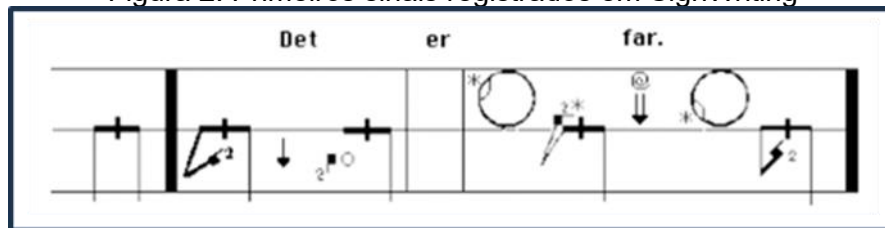
Figura 1: Notação de dança - DanceWriting



Fonte: Carneiro, 2017, p.10.

Em 1974 Sutton cria o SignWriting, sistema esse de “escrita internacional [...] a notadora enfatiza que não a dona do SignWriting, apenas sua inventora.” (Barreto;Barreto,2015,p.71) Ao realizar a escrita o objetivo era colocar todos os detalhes existentes na sinalização para o papel. Quando a autora criou o sistema não tinha conhecimento da existência de outras escritas que já tinha, muito menos sobre a língua de sinais, o que diferenciou o SignWriting é que a autora conseguiu colocar os movimentos na escrita, algo que poucos sistemas haviam conseguido.

Figura 2: Primeiros sinais registrados em SignWriting



Fonte: Fonte: Carneiro, 2017, p.10.

Ao realizam a escrita não existe a padronização do sinal, o que há é a padronização das regras para escrever os sinais, respeitando assim os sinais de cada país e a regionalidade.

Quando Sutton criou o sistema era possível encontrar a notação somente no papel, porém com tecnologia avançada a escrita ganhou espaços tecnológicos que facilitaram o acesso e propagação, foi criado em 1996 o SignWriting, que é um teclado de escrita de sinais e em 2004 o site online onde pode ser fomentado com sinais em SignWriting, esse site é o SignPuddle. Hodiernamente o site é bem utilizado e nutrido por pesquisadores, amantes e estudiosos, o acesso é online, podendo encontrar diversos sinais, em que tem as variações de sinais, uma descrição por parte dos pesquisadores, podendo ser acrescentado sinais novos e registrado para mais pessoas, assim como pode realizar a tradução para o SignWriting de textos. Dentro da plataforma é possível encontrar dicionários de

vários países, textos e artigos relacionados ao tema, disponibilizados para downloads.

Este sistema é completo de realizar a escrita, pois através dele é possível identificar os fonemas. Assim Barretos e Barretos (2015, p. 76) afirma o seguinte:

O SignWriting é uma escrita visual direta e uma solução completa para escrever as línguas de sinais. Cada grafema desta escrita representa diretamente um fonema das Línguas de Sinais e nos mostra como ele é realizado. Grande parte destes grafemas são visualmente icônicos, possibilitando uma rápida associação com os respectivos fonemas. As principais categorias de grafemas representam de maneira visual a cabeça, face, o tronco, os membros, as mãos e os movimentos, outros grafemas representam as dinâmicas e o tempo. Seus tamanhos são proporcionais entre si. Assim, o SignWriting é uma escrita de traços não arbitrários[...]. Seus grafemas representam de forma direta como os fonemas das Línguas de Sinais são realizados.

A grafia dos sinais em SignWriting facilita a perceber os morfemas dos sinais, os sinais são representados de forma linear, assim como o corpo humano, muitas pessoas associam esse sistema de escrita com ideográfica⁴.

Durante muito tempo quando se falava da escrita de sinais as pessoas diziam que eram desenho, ideograma ou muitas outras colocações para a escrita, já os autores Barretos e Barretos (2015) designa a escrita da língua de sinais como grafema⁵.

Com o Congresso de Milão em 1880 muitas pesquisas voltadas para as línguas de sinais foram proibidas no mundo, porém a sinalização não parou, os surdos tiveram que usar suas línguas de forma escondida, no Brasil não foi diferente. Assim, a língua de sinais só teve reconhecimento em 2002 no Brasil com a lei de N°10.436. As línguas de sinais são línguas naturais, ao realizar a grafia fica fácil identificar os parâmetros ou melhor dizendo os fonemas. Quando aprende o SignWriting realizamos determinadas análise, assim como afirma Barreto e Barreto (2015, p 47-48):

⁴ Barreto e Barreto (2015,p. 78) realiza a descrição na nota de rodapé: Uma Escrita Ideográfica é aquela que se utiliza de signos pictóricos para representar objetos, ideias e ainda os sons com tais objetos ou ideias são nomeados em determinado idioma. A escrita ideográfica não representa entidades linguísticas, mas ideias. Ex.:Kanji (usado no Japão), Dongla (usado em parte da China) e o Mandarim (também usado na China) que é tido por muitos autores uma escrita ideográfica.

⁵ Essa nomenclatura foi usada por Barretos e Barretos, para explicar como era a forma de escrever os sinais. Assim (BARRETO; BARRETO, 2015,p.78) afirma que “por não estarem acostumadas a escrita de Traços Não Arbitrários, muitas pessoas confundem chamando a Escrita de Sinais (SignWriting) de desenho. Desenho são traços realizados para representar a realidade ou a imaginação.”

Ao aprender, utilizar a Escrita de Sinais, seu cérebro faz uma aprofundada análise (1) fonético (2) fonológica da Libras. Isto acontece à medida em que, consiste ou inconscientemente, você vai observando a estrutura das Configurações de Mão, das Orientações da Palma, dos padrões das Locações – isto é, onde os sinais são feitos – dos Movimentos e das Expressões Não Manuais, que são expressões faciais e expressões corporais. Ao mesmo tempo, seu cérebro assimila (3) a morfologia da Libras. Ou seja, a estrutura interna dos sinais quais são as menores partes com significado. [...] Você se apropria também de sua (4) sintaxe, (5) semântica e (6) pragmática e ainda adquire mais vocabulário da Libras muito mais rápido que os métodos tradicionais. Assim, de forma muito natural, o cérebro vai associando conhecimentos novos com os antigos. Novas conexões são estabelecidas. E o estudo e aprofundamento de Libras fica muito mais fácil.

Para ter comunicação em língua de sinais os usuários necessitam realizar cursos de capacitação, ter contato com a comunidade surda e em alguns casos podem estudar curso de graduação em Libras. Para a aprendizagem da escrita é feito em forma de disciplina na graduação de Letras Libras no Brasil ou em extensões oferecidas pelas universidades, ou realizar cursos técnicos para o conhecimento, em algumas instituições oferecem além do SignWriting outros tipos de escrita de sinais, mas no Brasil é uma das escritas mais usadas. Para escrever o SignWriting o usuário necessita conhecer as regras gramaticais da Libras, nesse caso para o Brasil, bem como conhecer como realizar a notação e suas regras ortográficas.

No Brasil umas das primeiras pesquisadoras a realizar publicações sobre o SignWriting foi Marianne Stumpf, onde em 2005, escreveu uma tese de doutorado com o tema “Aprendizagem de Escrita de Língua de Sinais pelo sistema SignWriting: Línguas de Sinais no papel e no computador”. Tema esse inovador e perspicaz, em que pouco se ouve falar, seu trabalho foi um pontapé para novos pesquisadores investirem no tema e destrinchar detalhes de como funciona essa escrita.

A pessoa surda por ser mais visual que a pessoas ouvinte, e ter uma percepção maior o SignWriting contribui significativamente na sua aprendizagem, assim como a explica Stumpf (2005, p.45):

A relação dos surdos com a língua de sinais é a mesma do ouvinte com a língua materna, ele não tem consciência das estruturas gramaticais de sua língua, mas as usa corretamente, e adquire fluência sem esforço. Para aprender uma língua estrangeira o aprendiz ouvinte só alcança o resultado positivo depois de um estudo árduo e demorado. Já o surdo acresce, a dificuldade natural de aprender uma língua estrangeira, o fato de não ter o mapeamento oferecido pela fala e o fato, ainda mais relevante, de não possuir, em grande parte das vezes, uma língua de sinais consistente. [...]

Os seres humanos precisam de comida para sobreviver, assim como precisam da linguagem para se comunicar uns com os outros. Num determinado momento da história essa forma de comunicação passa a ser objeto de reflexão e estudo. É o que aconteceu com as línguas orais que têm uma forma escrita.

A escrita de sinais proporciona desta forma vários benefícios aos surdos como ter o “acesso à cultura escrita da população surda”. (Stumpf,2005,p.46). Barretos e Barretos (2015, p.47) afirma que:

A Escrita de Sinais contribui para a memorização, aprendizagem e organização do pensamento em Libras de maneira mais rápida. Isto acontece porque ela registra os sinais de forma visual direta, parte por parte, com grafemas altamente icônicos. Isso envolve diversas áreas do cérebro, criando inúmeras conexões ao mesmo tempo.

Diante do exposto, os benefícios do SignWriting facilitam a aprendizagem de ouvintes e surdos, ao realizar a grafia faz o processo de memorização, facilita a sinalização e realiza o registro na íntegra dos sinais. Além dos benefícios de aprendizagem para a pessoa surda, contribuir academicamente para novos pesquisadores se aprofundarem na área, ampliando o léxico linguístico e facilita o desenvolvimento na língua, e em questão cultural reconhece linguisticamente como uma escrita pertencente a um povo usuário da língua de sinais.

2.1. ESTRUTURA DO SIGNWRITING

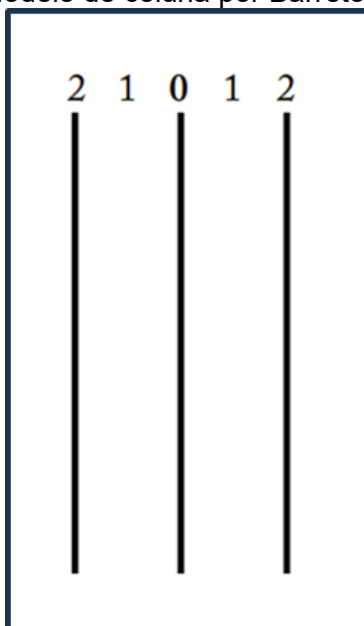
O SignWriting tem sua sinalização na perspectiva do sinalizador, isso significa que ao escrever os sinais deve ser feito da forma que está sendo vista pela pessoa que sinaliza e nunca na visão do observador, que é a pessoa que visualiza a sinalização.

Para a realização da escrita deve ser feita em colunas da esquerda para a direita, ou seja, escrito na vertical. “Estudos realizados na década de 1990 com usuários surdos apontam que escrever em colunas de cima para baixo, começando da esquerda, permite uma leitura muito mais rápida”. (Barretos;Barretos,2015,p.157) Esta forma de estrutura a escrita fica coerente pois dá a aparência de uma pessoa sinalizando. Assim Barretos e Barretos (2015, p.173) afirma os benefícios da utilização dos sinais em colunas:

Dentre inúmeros benefícios, escrever verticalmente de cima para baixo contribui também com estes processos: (1) o corpo humano está naturalmente na vertical. Podemos usar a simetria da linha central da ELS (trilha 0) posicionando sinais de forma mais natural. Os olhos lerão os sinais com mais facilidade, como na vida real; (2) é mais fácil registrar

e retomar as alterações de posição do corpo e também os referentes estabelecidos.

Figura 3: Modelo de coluna por Barretos e Barretos



Fonte: Barretos e Barretos (2015, p.174)

Na imagem acima mostra como pode ser representado a posição do corpo, em que o 0 e a parte central do corpo, onde pode ser colocado a cabeça, entre o 1 e 2 é para os lados, a parte 2 é tido como o limite até onde pode ser sinalizado. Barretos e Barretos (2015, p.174) [...] “a Escrita de Sinais deve ser feita sempre na vertical trazendo altíssimos ganhos para a leitura quanto para a escrita”.

Outro ponto importante a ser destacado é a mão de escrita, pois ao sinalizar deve ser feito o registro com a mão em que o usuário faz a sinalização, em caso que só apareça uma mão. Para a utilização da mão canhota, a pesquisa mostra que a “melhor estimativa para a prevalência de canhotos é de 10,6%. No entanto, esse valor varia entre 9,3% e 18,1%, dependendo de como a lateralidade é medida.” (Papadoutou-Pastou, et al.2020) Isso significa que mais de 80% da população mundial são destros, assim deve-se escrever em SignWriting com a mão direita, caso seja canhoto deve realizar o registro com a esquerda.

No SignWriting tem vírgula, que ao grafar recebe a nome de “pausa curta⁶”, para o ponto final é o “traço final⁷”, dois pontos é o “enunciação⁸”.

⁶ (BARRETOS;BARRETOS,2015,p.185)

⁷ (BARRETOS;BARRETOS,2015,p.158)

⁸ (BARRETOS;BARRETOS,2015,p.185)

Na utilização dos registros dos sinais em SignWriting é possível identificar os parâmetros da língua de sinais, realizar uma análise fonética, morfologia, sintaxe, semântica e pragmática como qualquer outra línguas. Assim pode-se afirmar que o SignWriting contribui, pois realiza os registros de sinais que antes não havia como grafar.

A pesquisa está voltada para a soletração manual e a soletração rítmica, como será realizado o registro em SignWriting.

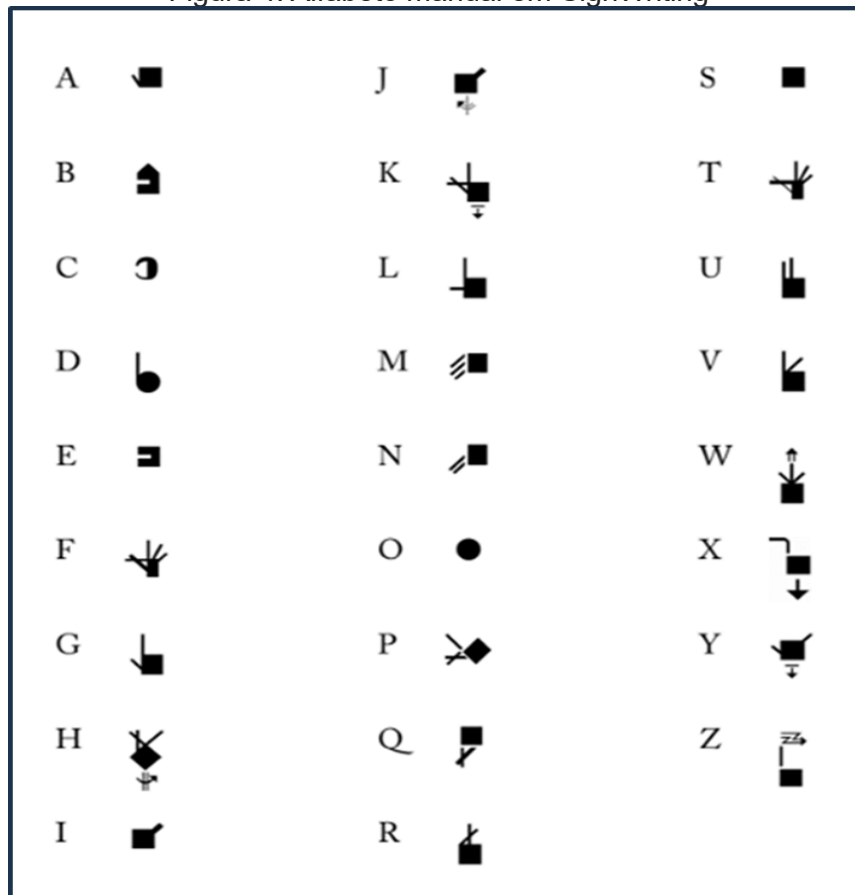
2.2. ALFABETO MANUAL E SOLETRAÇÃO RÍTMICA EM SIGNWRITING

Para a realização da escrita do alfabeto manual, “está escrito no ponto de vista do sinalizador e que estamos vendo o dorso da mão”. (Barretos; Barretos,2015, p.219) Mesmo muitas letras sendo feitas de forma lateral, porém ao serem grafadas deve ser feita com o dorso da mão, pois foi convencionado desta forma a escrita da língua.

Algumas configurações de mão ou letras são soletradas com a mão para baixo, como no caso das letras M, N, P e Q, nessas situações Barreto e Barreto (2015) afirma que:

Existem duas formas de se escrever este tipo de posição. A Visão de Cima do dorso da mão pode ser escrita de forma inclinada. Muitos escritores sentem-se mais confortáveis assim por acreditarem que esta escrita se parece mais com a vida real, pois os dedos estão apontando para baixo. Isto vale para todas as Configurações de Mãos cujos dedos estejam apontando para baixo e cuja escrita não demonstre isto de forma tão direta (Sutton & Frost, 2011, apud Barreto;Barreto,2015,p.166).

Figura 4: Alfabeto manual em SignWriting



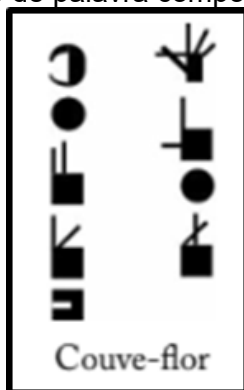
Fonte: Barretos e Barretos (2015, p. 220)

Este modelo de grafia do alfabeto manual foi realizado uma convenção para ser feito uma padronização, é possível encontra outras formas na internet, porém este modelo segue uma regra que todas as letras são realizadas vendo o dorso da mão.

Para a soletração de algumas palavras tem a questão da acentuação, logo na Libras têm a omissão, quando estiver fazendo o registro de acordo com a sinalização ocorre a mesma omissão, já em tradução de textos de uma língua para Libras caso se faça necessário pode realizar a acentuação, evitando ambiguidade em palavras. Outra regra é quando uma palavra finalizar com ão o til(~) deve ser sinalizado, “o “O” omitido e a CM usada na acentuação sofra alteração fonético-morfológica para, incorporando a CM do “O”. Se você estiver transcrevendo um vídeo para análise linguística, escreva estes detalhes”.(Barretos;Barretos,2015,p.221). Assim, caso não seja para uma transcrição, não necessita escrever o til (~). Para o registro de soletração de

palavras segue a mesma regra dos sinais de serem feitos na vertical. Em caso de “palavras compostas ou nomes completos devem ser escritos também na vertical em colunas paralelas”.(Barretos;Barretos,2015,p.222) Os autores Barretos e Barretos (2015) detalham exemplos de como realizar a grafia de palavras compostas.

Figura 5: Exemplo de palavra composta em SignWriting



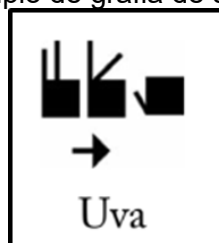
Fonte: Barretos e Barretos (2015, p. 222)

As palavras compostas seguem a grafia da mesma regra dos sinais, em que deve além de soletrar letra por letra e ser visualizada em colunas. Já para a soletração rítmica os autores Barretos e Barretos (2015, p.222-223) explica:

Existe ainda a soletração rítmica (sinais soletrados), uma soletração rápida, curta e abreviada que incorpora na Libras sinais que surgiram da soletração. Nestes casos, escreva exatamente como o sinal é realizado. Quando não houver movimento para frente ou para trás e o sinal for feito no espaço neutro à frente do corpo, escreva a datilologia na horizontal e coloque uma seta para a direita (Plano Chão) abaixo dela.

Neste caso para a soletração rítmica tem uma regra ao realizar o seu registro, pois a grafia ocorre na horizontal e abaixo de sua soletração tem o grafema com a seta para a direita, porém essa forma de registro só é possível com sinais soletrados na horizontal.

Figura 6: Exemplo de grafia de sinais soletrados



Fonte: Barretos e Barretos (2015, p. 223)

No caso dos sinais soletrados os autores Barretos e Barretos (2015) explicam que para o registro dos sinais devem ser realizados de forma diferenciado, porém os sinais que registram são realizados somente na horizontal, e nenhum dos

sinais tem movimentos circulares da mão, logo os sinais soletrados com essa regra se aplica para os de forma linear. Assim esta pesquisa vem com o intuito de propor um acréscimo na grafia desses sinais soletrados.

3. DATILOLOGIA X SOLETRAÇÃO RÍTMICA

3.1. ORIGEM DA DATILOLOGIA OU SOLETRAÇÃO DIGITAL

A datilologia é a junção da palavra “datilo” vem do latim “dactylus” que significa dedo, e “logia” de origem grega que significa estudo detalhado de alguma coisa, logo a datilologia é o estudo dos do alfabeto manual feito com as mãos, em que representa as letras.

Os primeiros registros feitos da datilologia foram a partir da tentativa de ensinar a língua oral para surdos pelo espanhol Pedro Ponce de León, assim como explica Ramos (1995,p.32):

Porém, os alfabetos datilológicos ou alfabetos manuais têm uma história um pouco mais antiga, coincidindo com as primeiras tentativas formais de educação de surdos. Vem do século XVI, com o espanhol Pedro Ponce de León (1520-84), monge da ordem dos Beneditinos e que viveu no monastério de Onã, em Burgos, a invenção do primeiro alfabeto manual conhecido, publicado por Juan Martin Pablo Bonet em 1620 em um livro intitulado Reduccion de las letras y artes para enseñar a hablar a los mudos. O trabalho de Ponce de León está registrado nos livros da instituição religiosa que relata o processo de uma metodologia que incluía datilologia, escrita e fala e levou seus três alunos surdos a falar grego, latim e italiano, além de chegar a um alto nível de compreensão em física e astronomia.

Nos anos subseqüente começou a ser encontrados em outros países, como “França por Jacob Rodriguez Pereira e subseqüentemente para os Estados Unidos em 1816 esse "alfabeto de uma mão", que pode ser reconhecido como o ancestral dos alfabetos manuais atuais.” (Ramos,1995,p.33)

A datilologia antes era muito utilizada para representar palavras estrangeiras, nomes próprios e lugares, esse método de representação das letras é muito utilizado atualmente também para representar uma palavra que não possui sinal, ou palavras novas, e até mesmo quando desconhece sinal de determinados léxico. Porém existem comunidade surdas que não possuem esse método, assim como afirma Ramos (1995,p.33-34):

Existem algumas comunidades (o autor não especifica quais) surdas que não fazem uso da datilologia e mesmo assim podem denominar as palavras em questão, indicando, segundo o autor, que a língua oral ou escrita não é necessária para a especificação desses termos. No Brasil

temos uma dessas comunidades, pesquisada por Ferreira Brito, a tribo indígena maranhense dos Urubu-Kaapor, que tem um número significativo de indivíduos surdos e que não conhece a língua escrita. Aqueles surdos, porém, que vivem nas cidades, dificilmente conviverão com uma língua de sinais livre da influência da língua oral com a qual convive. É interessante que alguns pesquisadores consideram essa proximidade como "desestruturadora" da Língua de Sinais, a partir do conceito de "pidgin", que seria resultado da utilização mesma por ouvintes não proficientes nela ou de surdos sem grande domínio da língua portuguesa em contato. Souza(1992:15) afirma que a língua oral acaba por inserir suas estruturas gramaticais na língua de sinais.

No Brasil temos pesquisas voltadas para a Língua de sinais, em específico a brasileira, não sendo desmembrada das demais. Ao descrever a datilologia alguns autores utilizam da nomenclatura soletração digital, que vem a ter o mesmo significado. De acordo com Capovilla (2019, p. 2613):

SOLETRAR DIGITALMENTE (sinal usado em: SP, RJ, CE, SC, RS) (Inglês: to finger-spell, to perform digital spelling of a word), SOLETRAÇÃO DIGITAL (Inglês: finger-spelling, digital spelling): Soletrar digitalmente: v. t. d. Usar do alfabeto manual para nomear objetos, pessoas, etc. Fazer uso da soletração digital. Ex.: A professora pediu para eu soletrar meu nome. Soletração digital: s. f. Uso do alfabeto manual para nomear objetos, pessoas, etc. Ex.: A soletração digital foi documentada pela primeira vez numa publicação de 1698, intitulada "Digiti Lingua" que se encontra disponível na biblioteca de Londres. (Mão vertical aberta, palma para frente,dedos curvados. Movê-la para a direita, oscilando os dedos.)

O processo de subtração, na Libras, é conhecido como alfabeto manual, que é usado no desenvolvimento e aquisição das Libras, usado para a comunicação entre o ouvinte em processo de inicialização na língua de sinais em um surdo, para que, deste modo, o ouvinte possa fazer a soletração de determinada palavra em um contexto específico, para o surdo assim poder entender o que está sendo solicitado.

A datilologia no Brasil é realizada com uma das mãos, em outros países é realizada com as duas mãos, isso acontece devido a questão cultural e outros que foram passados no processo de ensino de um país para outro. Em países onde é utilizado com as duas mãos esse fenômeno ocorreu devido a região ser fria e necessitar o uso constante de luvas, dificultando assim o uso de uma só mão no processo de articulação dos dedos, necessitando o uso da outra mão.

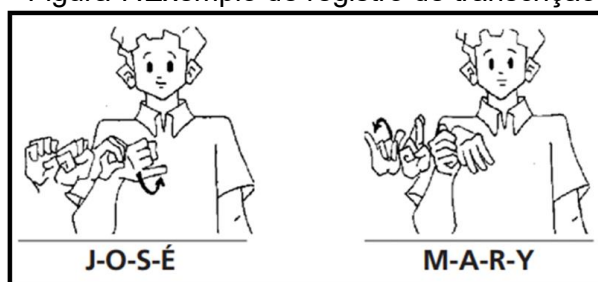
Para a educação de surdos as pesquisas apontam que a datilologia (soletração de letras) ajuda na alfabetização de crianças surdas, proporcionando uma ponte entre a língua escrita e a língua de sinais. Proporcionando um

conhecimento linguístico melhor e funcional no uso da escrita e em sua língua de sinais, proporcionando a leitura e escrita.

Ao realizar o registro da língua de sinais muitos pesquisadores buscaram maneiras para fazer a catalogação dos sinais, porém a autora Felipe(2008) com grupo de estudo desenvolveu o “sistema de transcrição para a Libras”, como assim é conhecido, sistema esse que possui imagens dos sinais e como realizar o registro no papel. Esse sistema foi desenvolvido para o ensino de ouvintes que almejam aprender a língua de sinais e fazer o registro dos sinais. Atualmente existem outros mecanismos de registros desses sinais, mas o sistema de transcrição ainda se encontra em uso pelo “Libras em contexto”. A autora propõe como registrar “ a datilologia (alfabeto manual), que é usada para expressar nome de pessoas, de localidades e outras palavras que não possuem um sinal, está representada pela palavra separada, letra por letra por hífen”.(Felipe,2008,p.25)

Assim, ao soletrar as palavras e ao realizar o registro em Português no sistema de transcrição deve-se colocar letra por letra e separá-las com hífen, a autora apresenta exemplos.

Figura 7:Exemplo de registro de transcrição



Fonte: Felipe (2008, p. 25)

Felipe ao realizar esse método de registro de palavras separadas por hífen descreve que é uma soletração.

3.2. SOLETRAÇÃO RÍTMICA OU SOLETRAÇÃO MANUAL

A língua de sinais possui os mesmos padrões linguísticos que as línguas orais, desta forma não seria diferente ao falar dos empréstimos⁹ linguísticos da língua portuguesa na Libras. Ocorrem vários tipos de empréstimos, mas esta

⁹ Será considerado como empréstimo linguístico por se tratar de uma língua oral, neste caso a língua portuguesa e a língua de sinais ser a Libras, em que se localiza em território brasileiro, o que diferencia são as modalidades da língua e suas especificidades, porém a pessoa surda usuária da língua de sinais ainda pertence ao mesmo país da pessoa ouvinte.

pesquisa será direcionada aos sinais soletrados que são um empréstimo da língua portuguesa, e que deve ser confundido com estrangeirismo¹⁰, que tem suas especificidades linguísticas.

A soletração rítmica é um dos empréstimos linguísticos na língua de sinais, o que diferencia da datilologia é a incorporação de um dos parâmetros da língua de sinais, nesse caso o movimento, desta forma para ser considerado uma soletração rítmica deve ter a soletração rápida com o uso de movimentos.

Para falar sobre soletração rítmica há alguns autores que utilizam a nomenclatura soletração manual, as autoras Quadros e Karnopp (2004,p.88) afirmam que a soletração manual “não é uma representação direta do português, é uma representação manual da ortografia do português”, afirma que:

De um modo geral, todas as línguas, orais ou de sinais, incorporam em seu vocabulário palavras estrangeiras, que são consideradas como empréstimos linguísticos. Têm-se, no português, várias palavras de outras línguas, que foram incorporadas nesse léxico, tais como: abajur, xampu, turnê, jeans, lingerie. (Quadros e Karnopp,2004,p. 89).

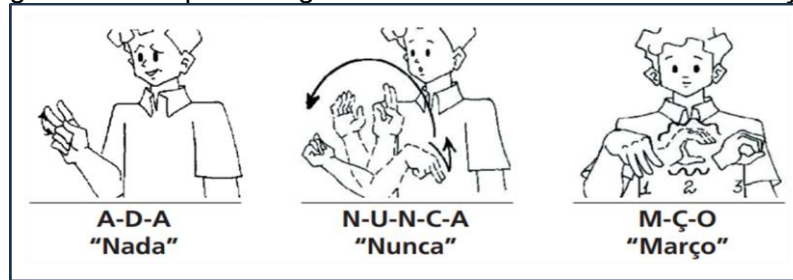
Enquanto que o alfabeto manual é a soletração de letras com as mãos, com a finalidade de indicar o nome de objetos ou pessoas que não detêm sinal ou são desconhecidos, a soletração rítmica se diferencia por ser composta pelo empréstimo da língua portuguesa. De acordo com Strobel e Fernandes (1998, p. 36-37) afirma o seguinte:

Empréstimos da língua portuguesa.: alguns sinais são realizados através da soletração, uso das iniciais das palavras, cópia do sinal gráfico pela influência da Língua Portuguesa escrita. Estes empréstimos sofrem mudanças formativas e acabam tornando-se parte do vocabulário da LIBRAS.

Desta forma, o empréstimo da língua portuguesa passa a pertencer à Libras como um sinal, tendo como principal característica o movimento. Segundo Felipe (2008, p. 25), afirma que ao “ser incorporado a Libras está será representado pela soletração ou parte das letras e terá o registro com as letras em itálico”. A autora apresenta alguns exemplos de sinais soletrados.

¹⁰ Não será considerado estrangeirismo por não se tratar de uma língua oral de outro país que será usado para representar os sinais na Libras.

Figura 8: Exemplo de registro de sinais soletrados na transcrição



Fonte: Felipe (2008, p. 25)

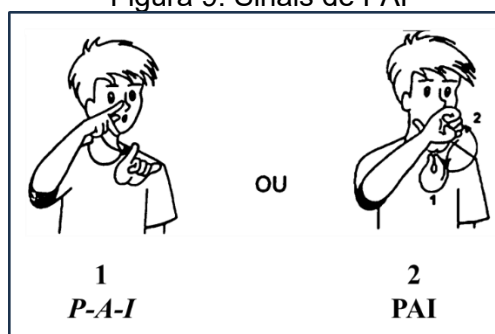
Ao realizar a soletração rítmica e fazer seu registro na transcrição é possível verificar a supressão em algumas letras em alguns sinais. A soletração rítmica é como uma dança dos dedos, na qual ao realizar a soletração dos dedos de forma rápida os movimentos devem ter sincronia, em alguns casos a letra soletrada pode ganhar uma orientação diferenciada, ganha um ritmo, uma entonação, muitos deles recebem um movimento ao final da letra, em alguns casos ocorre que letras são suprimidas, esse fenômeno varia em alguns casos de região para região. De acordo com Segala e Kojiba (2012, p 10.) afirma que:

Em Libras, muitas palavras, quando soletradas, transformam-se em sinais que possuem ritmo próprio. É o timbre das palavras, uma soletração com forma e ritmo distintos. Com movimentos próprios e quase sempre com supressão de letras, a palavra é sinalizada com apoio do alfabeto manual. [...] Essa sinalização está relacionada à diversidade regional e pode variar conforme os hábitos e as características de cada lugar. Na soletração rítmica são muito importantes o movimento e a articulação das mãos.

Para realizar a soletração rítmica é preciso que o usuário tenha conhecimento prático da língua, pois não é simplesmente fazer o alfabeto manual, tem os parâmetros que devem ser obedecidos.

O sinal soletrando pode acontecer antes da realização do sinal, ou seja, ele pode ser reproduzido de forma rítmica e depois ganha um sinal específico que não seja a soletração com características específicas.

Figura 9: Sinais de PAI



Fonte: <https://pt.scribd.com/document/94605369/FAMILIA-E-CONDICAO-CIVIL-Libras>

No ***P-A-I*** (1) é um sinal soletrando, que é utilizado em algumas regiões do país, para fazer seu registro na transcrição ele deve ir em itálico e separado por hífen, já o **PAI** (2) é um sinal, seu registro deve ser em letra maiúscula, as duas formas de pai são utilizadas.

A soletração rítmica permite a introdução de novos termos e conceitos que podem não ter sinais específicos na Libras, bem como pode ter iniciado como rítmico e posteriormente se transformado em sinal, mas nada implica o uso de ambos. Isso enriquece o vocabulário dos usuários, permitindo uma comunicação mais abrangente e precisa, valoriza a variação linguística. Além disso, a soletração pode ser uma ferramenta para a criação de novos sinais, contribuindo para a evolução contínua da língua.

4. TRANSCRIÇÃO DOS SINAIS SOLETRADOS

Para a realização desta pesquisa foram selecionados 28 sinais soletrados que possuem movimentos horizontais (laterais/para frente) e horizontais/circulares. Utilizaremos o sistema SignWriting para apresentar a grafia da soletração rítmica e descrever como pode acontecer o registro desses sinais, levando em consideração os de uso da língua de sinais na cidade de Cacoal-RO.

Movimentos horizontais

A seguir será apresentado os sinais que tem a soletração na horizontal seguindo a regra da escrita de sinais. Para a utilização do registro de imagem dos sinais desse movimento segue uma seta de movimento reta(→) para indicar que a soletração é feita na lateral.

Figura 10: Sinal soletrado de MARÇO



Fonte: Dados da pesquisa

Ao realizar a soletração rítmica de MARÇO ele tem a supressão de algumas letras, como é o caos das letras A e R, nesta situação ele tem perdas fonéticas, em algumas regiões ocorre a perda somente do A. Na cidade de Cacoal ele é realizado com M, Ç e O, sendo reproduzidos na lateral, seguindo a grafia do SignWriting.

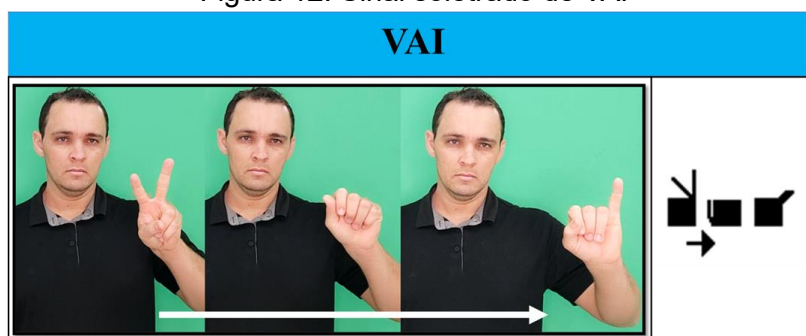
Figura 11: Sinal soletrado de VOV@



Fonte: Dados da pesquisa

Ao realizado a soletração rítmica do sinal VOV@ não tem nenhuma perda fonética. Na cidade de Cacoal ele é realizado com todos os fonemas, sendo reproduzidos na lateral, seguindo a regra de registro do SignWriting.

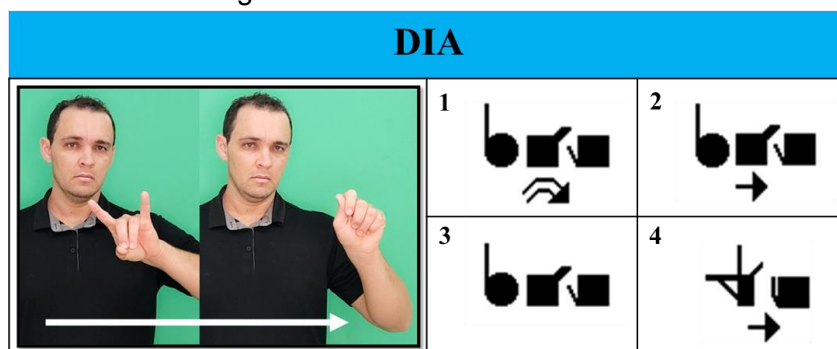
Figura 12: Sinal soletrado de VAI



Fonte: Dados da pesquisa

Ao realizar a soletração rítmica do sinal VAI ele não possui perda fonética, sendo realizado na horizontal. Na cidade de Cacoal ele é realizado com todos os fonemas, sendo reproduzidos na lateral, seguindo a regra de registro do SignWriting.

Figura 13: Sinal soletrado de DIA



Fonte: Dados da pesquisa

Ao realizar a soletração do sinal de DIA ele é reproduzido inicialmente com a configuração de mão em D e I, em se movimentar para o lado e faz a letra A. Para a sua grafia foi utilizado o signpudlle para verificação, sendo encontrado três opções. 1 – Nota-se que não tem o grafema que descreve o sinal soletrado, apresentando apenas o grafema de movimento semicircular. 2 – É possível verificar o grafema de sinal soletrado. 3 – Ocorre a ausência do grafema de soletração. 4 – Grafia utilizada de acordo com a reprodução na cidade de Cacoal, sua grafia de certa forma não tem a supressão de nenhum fonema, porém não tem a soletração das letras de forma individual.

Figura 14: Sinal soletrado de MÃE



Fonte: Dados da pesquisa

Ao realizar a soletração rítmica do sinal MÃE ele não possui perda fonética, sendo realizado na horizontal, porém ao realizar a escrita o sinal não leva acentuação do til (~). Na cidade de Cacoal ele é realizado com todos os fonemas, sendo reproduzidos na lateral, seguindo a regra de registro do SignWriting.

Figura 15: Sinal soletrado de OBA



Fonte: Dados da pesquisa


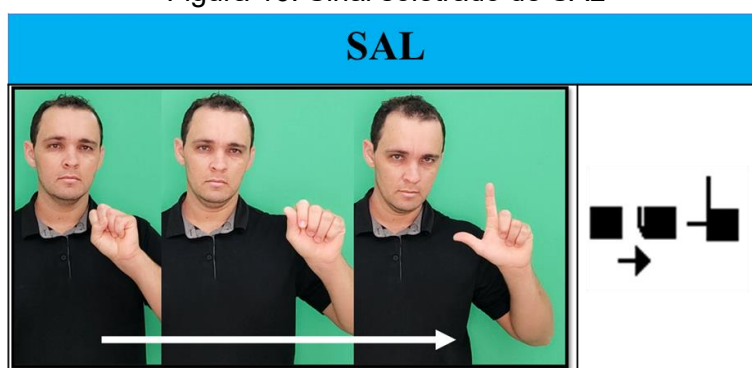
Ao realizar a soletração rítmica do sinal OBA ele não possui perda fonética, sendo realizado na horizontal, porém sua reprodução tem um movimento semicircular () para cima, desta maneira foi acrescentado um novo grafema no sinal soletrado, para realização mais objetiva de como ocorre a soletração, se encaixando na soletração rítmica. Na cidade de Cacoal ele é realizado com todos os fonemas, sendo reproduzidos na lateral, seguindo a regra de registro do SignWriting.

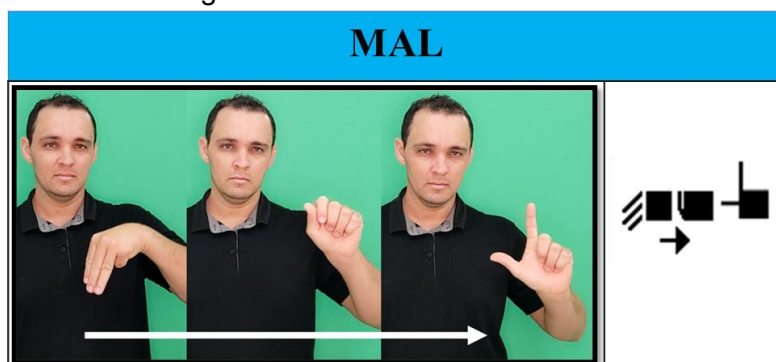
Figura 16: Sinal soletrado de SAL



Fonte: Dados da pesquisa

Ao realizar a soletração rítmica do sinal SAL ele não possui perda fonética, sendo realizado na horizontal. Na cidade de Cacoal ele é realizado com todos os fonemas, sendo reproduzidos na lateral, seguindo a regra de registro do SignWriting.

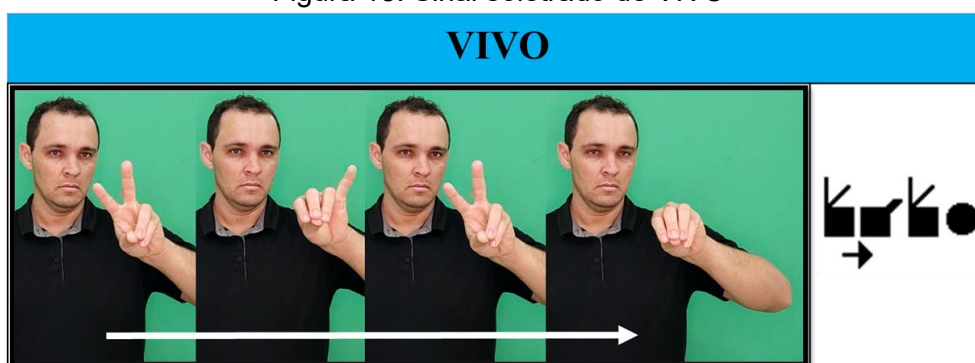
Figura 17: Sinal soletrado de MAL



Fonte: Dados da pesquisa

Ao realizar a soletração rítmica do sinal MAL ele não possui perda fonética, sendo realizado na horizontal. Na cidade de Cacoal ele é realizado com todos os fonemas, sendo reproduzidos na lateral, seguindo a regra de registro do SignWriting.

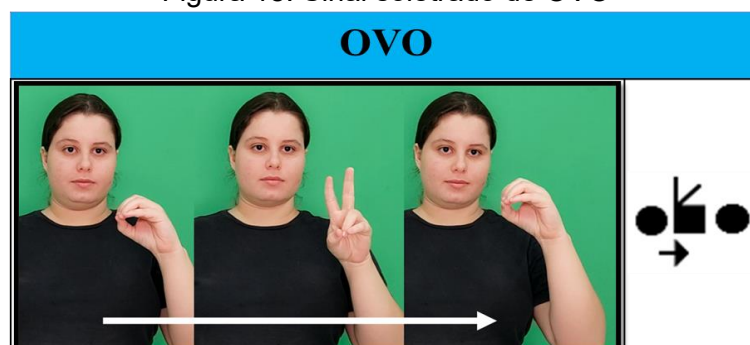
Figura 18: Sinal soletrado de VIVO



Fonte: Dados da pesquisa

Ao realizar a soletração rítmica do sinal VIVO ele não possui perda fonética, sendo realizado na horizontal. Na cidade de Cacoal ele é realizado com todos os fonemas, sendo reproduzidos na lateral, seguindo a regra de registro do SignWriting.

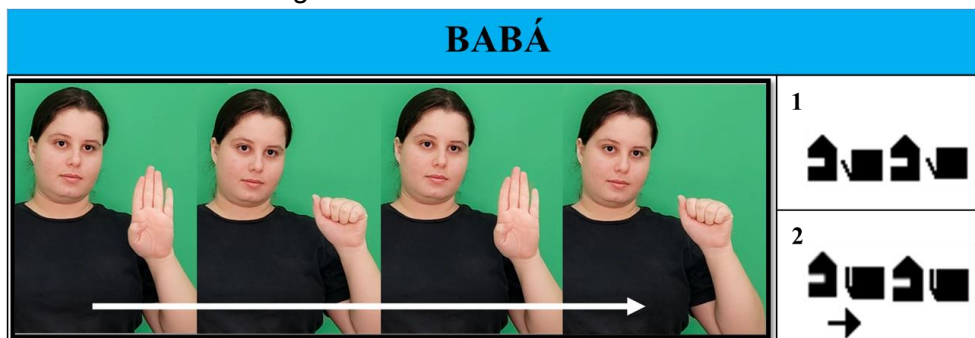
Figura 18: Sinal soletrado de OVO



Fonte: Dados da pesquisa

Ao realizar a soletração rítmica do sinal OVO ele não possui perda fonética, sendo realizado na horizontal. Na cidade de Cacoal ele é realizado com todos os fonemas, sendo reproduzidos na lateral, seguindo a regra de registro do SignWriting.

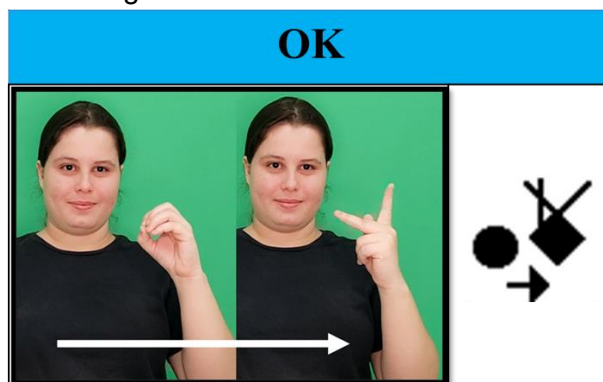
Figura 19: Sinal soletrado de BABA



Fonte: Dados da pesquisa

Ao realizar a soletração rítmica do sinal BABÁ ele não possui perda fonética, sendo realizado na horizontal, porém ao realizar a soletração a palavra na escrita não leva acentuação do agudo (´). A opção 1 – realizado a pesquisa no SignPuddle encontrou sem a grafia de sinal soletrado. 2 – é a grafia seguindo a regra de registro do SignWriting, sendo a realizado na cidade de Cacoal, reproduzidos na lateral, sem nenhuma perda fonética.

Figura 20: Sinal soletrado de OK



Fonte: Dados da pesquisa

Ao realizar a soletração rítmica do sinal OK ele possui perda fonética do movimento do K, em que o sinal é realizado na horizontal, mesmo com perda de fonema não interfere no entendimento do sinal. Na cidade de Cacoal ele é reproduzido na lateral, seguindo a regra de registro do SignWriting.

Figura 21: Sinal soletrado de CEDO



Fonte: Dados da pesquisa

Ao realizar a soletração rítmica de CEDO ele tem a supressão de uma letra, sendo a letra E, nesta situação ele tem perda fonética. Na cidade de Cacoal ele é realizado com C, D e O, sendo reproduzidos na lateral, seguindo a grafia do SignWriting.

Figura 22: Sinal soletrado de GOL



Fonte: Dados da pesquisa

Ao realizar a soletração rítmica do sinal GOL ele não possui perda fonética, sendo realizado na horizontal. Na cidade de Cacoal ele é realizado com todos os fonemas, sendo reproduzidos na lateral, seguindo a regra de registro do SignWriting.

Figura 23: Sinal soletrado de SUCO



Fonte: Dados da pesquisa

Ao realizar a soletração rítmica do sinal SUCO ele não possui perda fonética, sendo realizado na horizontal. Na cidade de Cacoal ele é realizado com todos os fonemas, sendo reproduzidos na lateral, seguindo a regra de registro do SignWriting.

Figura 24: Sinal soletrado de GAS



Fonte: Dados da pesquisa

Ao realizar a soletração rítmica do sinal GAS ele não possui perda fonética, sendo realizado na horizontal. Na cidade de Cacoal ele é realizado com todos os fonemas, sendo reproduzidos na lateral, seguindo a regra de registro do SignWriting.

Figura 25: Sinal soletrado de VIXE



Fonte: Dados da pesquisa

Ao realizar a soletração rítmica do sinal VIXE ele não possui perda fonética, sendo realizado na horizontal, porém ao reproduzir a letra X necessita acrescentar a seta de movimento para baixo (⇩), desta maneira foi acrescentado um grafema no sinal soletrado, para realização mais objetiva de como ocorre a soletração, se encaixando na soletração rítmica. Na cidade de Cacoal ele é realizado com todos os fonemas, sendo reproduzidos na lateral, seguindo a regra de registro do SignWriting.

Movimentos para frente

A seguir será apresentado os sinais que tem a soletração na horizontal, porém com movimentos para frente, sendo acrescentado alguns grafemas, para assim deixar clareza da realização do sinal soletrado. Para a utilização do registro de imagem dos sinais desse movimento segue uma seta de movimento semicircular(↷) para indicar que a soletração é feita para frente.

Figura 26: Sinal soletrado de PAI



Fonte: Dados da pesquisa

Ao realizar a soletração rítmica de PAI ele se encaixa nos sinais soletrados, porém ao fazer seu registro tem a aglutinação dos fonemas, porém o que fica em evidencia é o I, mas sendo possível identificar o A. Durante a pesquisa foi consultado o SignPuddle e encontrou as duas versões, 1 – pode-se descrever que se encaixa mais no sinal do que soletração. 2 – Se enquadra mais na soletração rítmica por ser descrito na horizontal e por possuir a seta que direciona tanto que o movimento segue para frente e que é um sinal soletrado. Na cidade de Cacoal ele é sinal soletrado bem utilizado.

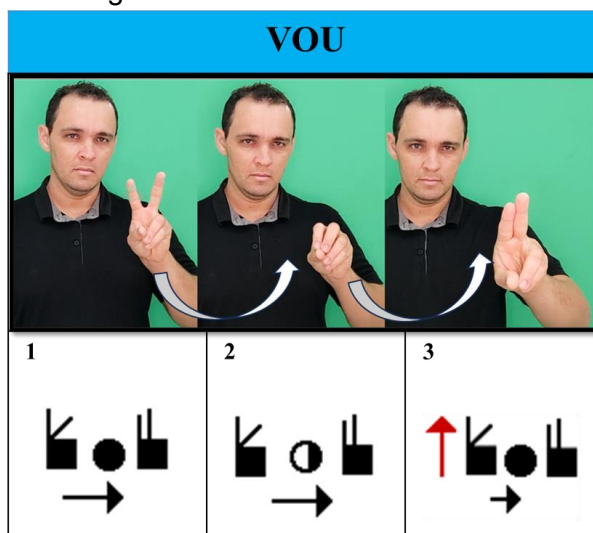
Figura 27: Sinal soletrado de NUNCA



Fonte: Dados da pesquisa

Para realizar a soletração rítmica de NUNCA ele se encaixa nos sinais soletrados, como forma de registro é possível perceber que ele não tem nenhuma perda fonética. Durante a pesquisa foi consultado o SignPuddle e encontrou algumas formas de grafia. 1 – é possível verificar na grafia a perda de fonemas, bem como o seu registro não segue os padrões de sinais soletrados. 2 – Tem os padrões de registro, porém na grafia falta um grafema que é a seta que indica um sinal soletrado. 3 – Encontra a regra de grafia de soletração, porém é possível verificar a perda de elementos fonéticos como as letras C e A. 4 – Registro realizado pelos autores do artigo como forma de sugestão para a grafia, em que coloca todos os fonemas, a regra de registro de soletração rítmica e uma seta longa (→) para indicar que o sinal é soletrado e se movimenta para frente. Na cidade de Cacoal ele é sinal soletrado bem utilizado.

Figura 28: Sinal soletrado de VOU

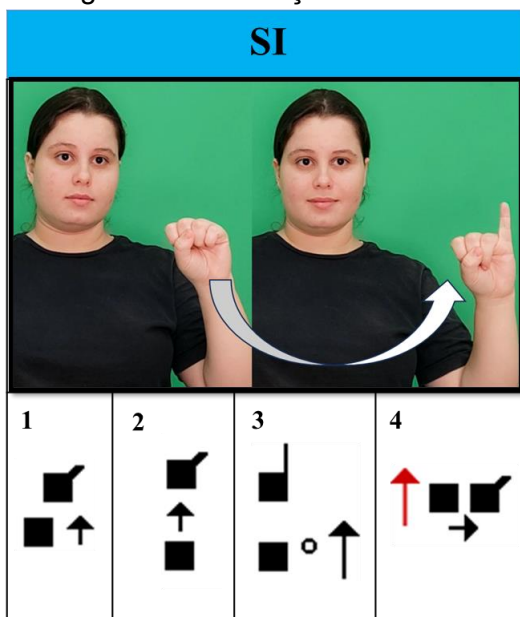


Fonte: Dados da pesquisa

Para realizar a soletração rítmica de VOU ele se encaixa nos sinais soletrados, como forma de registro é possível perceber que ele não tem nenhuma perda fonética, ao reproduzir ele não segue na lateral, e sim na horizontal frontal. Durante a pesquisa foi consultado o SignPuddle e encontrou algumas formas de grafia. 1 – é possível verificar na grafia não tem perda de fonemas, porém a sua soletração segue para frente e não na lateral. 2 – Tem os padrões de registro, porém na grafia um dos fonemas está alterado, o O modificou sua orientação. 3 – Registro realizado pelos autores do artigo como forma de sugestão para a grafia, em que coloca todos os fonemas, a regra de registro de soletração rítmica e uma seta longa

(→) para indicar que o sinal é soletrado e se movimenta para frente. Na cidade de Cacoal ele é sinal soletrado bem utilizado.

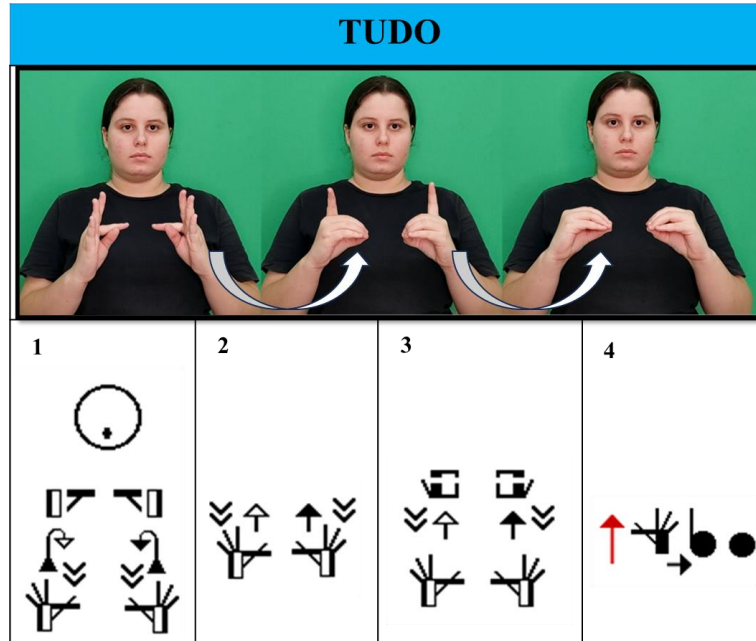
Figura 29: Soletração do sinal SI



Fonte: Dados da pesquisa

Para realizar a soletração rítmica de SI (SE) ele se encaixa nos sinais soletrados, como forma de registro é possível perceber que ele não tem nenhuma perda fonética, ao reproduzir ele não segue na lateral, e sim na horizontal frontal. Durante a pesquisa foi consultado o SignPuddle e encontrou algumas formas de grafia. 1 e 2 – é possível verificar na grafia que ele não segue a regra de registro de sinal soletrado, sendo mais indicado como um sinal. 3 – não segue a regra de grafia, possui perda de elementos fonéticos e acrescido a movimentação de outra configuração de mão (dedo indicador). 4 – Registro realizado pelos autores do artigo como forma de sugestão para a grafia, em que coloca todos os fonemas, a regra de registro de soletração rítmica e uma seta longa (→) para indicar que o sinal é soletrado e se movimenta para frente. Na cidade de Cacoal ele é sinal soletrado bem utilizado.

Figura 30: Sinal soletrado de TUDO



Fonte: Dados da pesquisa

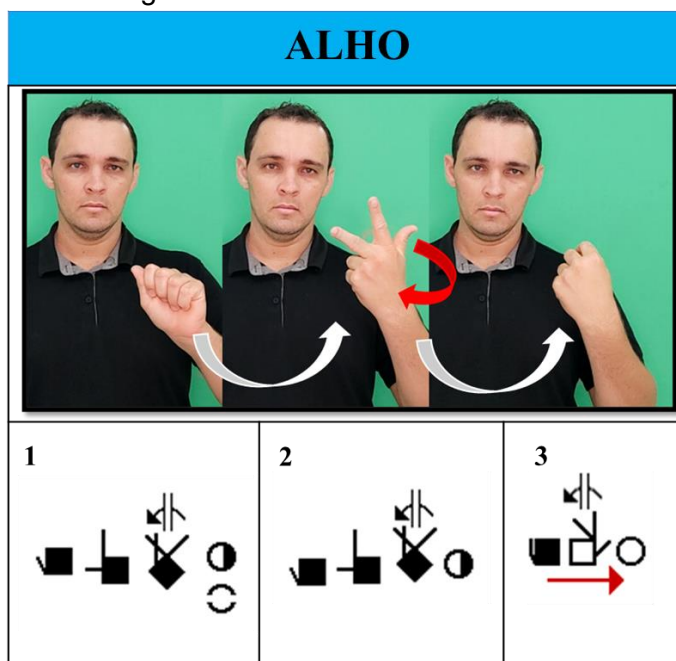
Para realizar a soletração rítmica de TUDO ele se encaixa nos sinais soletrados, ao registrar em imagem é possível perceber que ele tem perda fonética, em que o U é suprimido na movimentação das demais letras. Durante a pesquisa foi consultado o SignPuddle e encontrou algumas formas de grafia. 1 – é possível verificar na grafia a perda de fonemas, bem como o seu registro não segue os padrões de sinais soletrados, sendo enquadrado como sinal, pois tem o acréscimo de um parâmetro (expressão facial). 2 – também tem perda fonética das letras U,D,O, se encaixando como sinal e não soletração rítmica. 3 – é possível verificar a perda de elementos fonéticos como as letras U, D e O, e foi acrescido um outro fonema. 4 – Registro realizado pelos autores do artigo como forma de sugestão para a grafia, em que coloca todos os fonemas, a regra de registro de soletração rítmica e uma seta longa (→) para indicar que o sinal é soletrado e se movimenta para frente. Na cidade de Cacoal ele é sinal soletrado bem utilizado.

Movimentos circular

A seguir será apresentado os sinais que tem a soletração na horizontal, porém com movimentos circulares, sem acréscimo de nenhum grafema, com apenas um alongamento do grafema que descreve o sinal soletrado, para assim deixar clareza da realização do sinal soletrado. Para a utilização do registro de imagem dos sinais desse movimento segue uma seta de movimento semicircular

(↻) para indicar que a soletração é feita de forma circular.

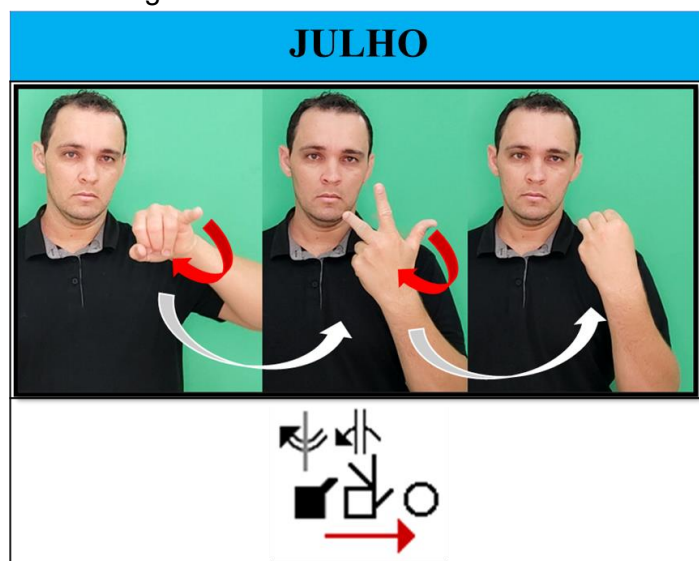
Figura 31: Sinal soletrado de ALHO



Fonte: Dados da pesquisa

Na realizar da soletração rítmica de ALHO ele se encaixa nos sinais soletrados, ao realizar o registro do sinal fica perceptivo uma aglutinação de letras, modificando a configuração de mão, ao reproduzir ele não segue na lateral, sendo realizado de forma circular devido o processo de aglutinação das letras L e H. Durante a pesquisa foi consultado o SignPuddle e encontrou algumas formas de grafia. 1 – é possível verificar na grafia que não tem o grafema de soletração e um acréscimo de fonema. 2 – Segue a ordem de soletração, porém não possui a grafia de soletração. 3 – Registro realizado pelos autores do artigo como forma de sugestão para a grafia, em que coloca os fonemas de acordo com a reprodução da aglutinação, a regra de registro de soletração rítmica e uma seta longa (→) abaixo das letras para indicar que o sinal é soletrado e se movimenta de forma circular, em que os fonemas finais não estão direcionados ao leitor e sim ao sinalizador. Na cidade de Cacoal ele é sinal soletrado bem utilizado.

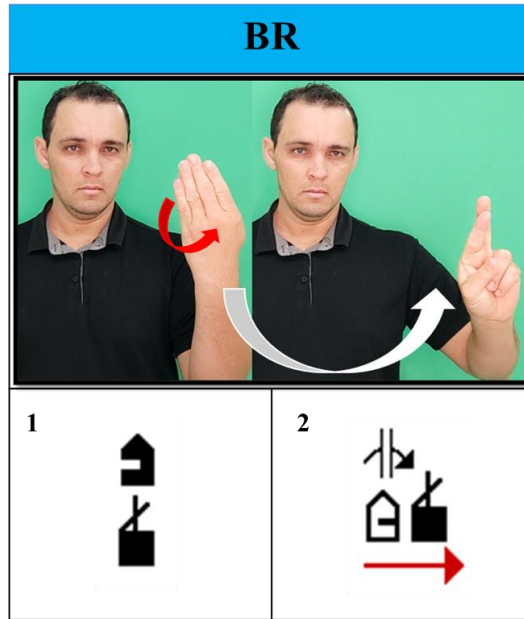
Figura 32: Sinal soletrado de JULHO



Fonte: Dados da pesquisa

Na realizar da soletração rítmica de JULHO ele se encaixa nos sinais soletrados, ao realizar o registro do sinal fica perceptivo uma aglutinação de letras, modificando a configuração de mão, ao reproduzir ele não segue na lateral, sendo realizado de forma circular devido o processo de aglutinação das letras L e H, ocorre perda fonética da letra U. Registro realizado pelos autores do artigo como forma de sugestão para a grafia, em que coloca os fonemas de acordo com a reprodução da aglutinação e da perca fonética, a regra de registro de soletração rítmica e uma seta longa (→) abaixo das letras para indicar que o sinal é soletrado e se movimenta de forma circular, em que os fonemas finais não estão direcionados ao leitor e sim ao sinalizador. Na cidade de Cacoal ele é sinal soletrado bem utilizado.

Figura 33: Sinal soletrado de BR



Fonte: Dados da pesquisa

Na realizar da soletração rítmica de BR ele se encaixa nos sinais soletrados, ao realizar o registro não tem perca fonética. Durante a pesquisa foi consultado o SignPuddle e encontrou algumas formas de grafia. 1 – é possível verificar na grafia que não tem o grafema de soletração e sendo realizado como um sinal. 2 – Registro realizado pelos autores do artigo como forma de sugestão para a grafia, em que coloca os fonemas de acordo com a reprodução, a regra de registro de soletração rítmica e uma seta longa (→) abaixo das letras para indicar que o sinal é soletrado e se movimenta de forma circular, em que o fonema inicial não está direcionado ao leitor e sim ao sinalizador, promovendo um movimento. Na cidade de Cacoal ele é sinal soletrado bem utilizado.

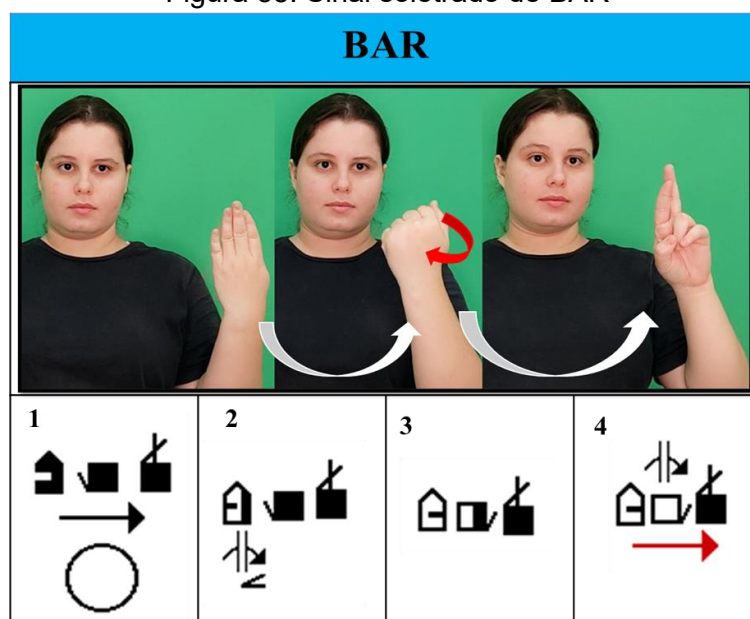
Figura 34: Sinal soletrado de AR



Fonte: Dados da pesquisa

Na realizar da soletração rítmica de AR ele se encaixa nos sinais soletrados, ao realizar o registro não tem perca fonética. A grafia realizada pelos autores do artigo como forma de sugestão, em que coloca os fonemas de acordo com a reprodução, a regra de registro de soletração rítmica e uma seta longa (→) abaixo das letras para indicar que o sinal é soletrado e se movimenta de forma circular, em que o fonema inicial não está direcionado ao leitor e sim ao sinalizador, promovendo um movimento. Na cidade de Cacoal ele é sinal soletrado bem utilizado.

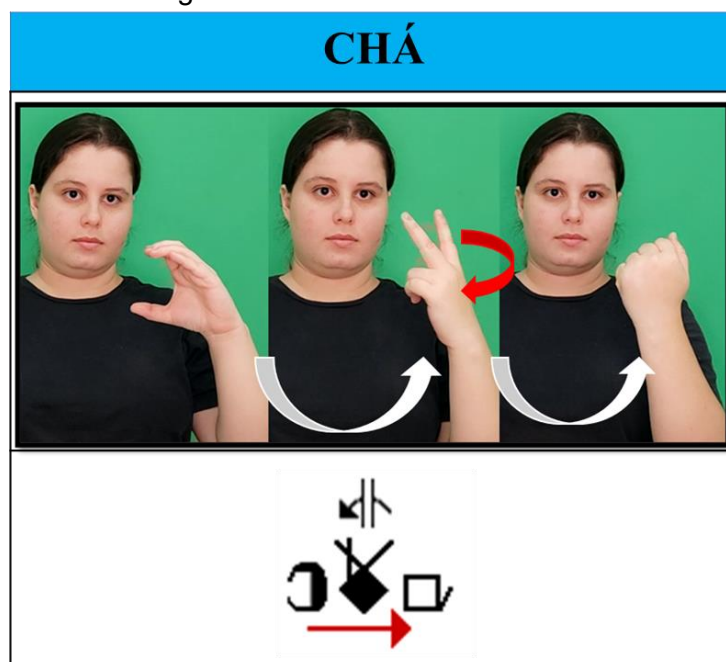
Figura 35: Sinal soletrado de BAR



Fonte: Dados da pesquisa

Na realizar da soletração rítmica de BAR ele se encaixa nos sinais soletrados, ao realizar o registro não tem perca fonética. Durante a pesquisa foi consultado o SignPuddle e encontrou algumas formas de grafia. 1 – é possível verificar na grafia que é realizado como um sinal, tendo o acréscimo do parâmetro do rosto. 2 – Possui os fonemas, porém na grafia não tem a seta que indica sinal soletrado, tem indicando que ocorre o movimento das mãos de forma circular. 3 – segue a regra de registro porém não tem a seta de soletração e nada indica que a soletração tem movimento. 4 - Registro realizado pelos autores do artigo como forma de sugestão para a grafia, em que coloca os fonemas de acordo com a reprodução, a regra de registro de soletração rítmica e uma seta longa (→) abaixo das letras para indicar que o sinal é soletrado e se movimenta de forma circular, em que o fonema inicial não está direcionado ao leitor e sim ao sinalizador, promovendo um movimento. Na cidade de Cacoal ele é sinal soletrado bem utilizado.

Figura 36: Sinal soletrado de CHÁ



Fonte: Dados da pesquisa

Na realizar da soletração rítmica de CHÁ ele se encaixa nos sinais soletrados, ao realizar o registro não tem perca fonética. O registro realizado pelos autores do artigo como forma de sugestão para a grafia, em que coloca os fonemas de acordo com a reprodução, a regra de registro de soletração rítmica e uma seta longa (→) abaixo das letras para indicar que o sinal é soletrado e se movimenta de forma circular, em que o fonema final não está direcionado ao leitor e sim ao

senalizador, promovendo um movimento. Na cidade de Cacoal ele é sinal soletrado bem utilizado.

ANÁLISE E RESULTADOS

A pesquisa foi desenvolvida com base bibliográfica com objetivo de demonstrar por meio da escrita da língua de sinais o SignWriting como é apresentado os sinais soletrados na Libras na cidade de Cacoal, foi realizado a descrição de sinal cada sinal, mostrando a imagem de como o sinal é realizado e o registro em escrita de sinais. Para a coleta de dados utilizamos o instrumento busca por sinais soletrados em livros, teses, dissertações, artigos e em apostilas acadêmicas. Para a realização de alguns sinais teve o acréscimo de alguns grafemas como forma de sugestão para promoção de clareza na informação.

Na seleção dos livros foi realizado leituras que aborda o conteúdo de soletração, datilologia e escrita de sinais, depois priorizados os que relatam sobre os sinais soletrados. Após a seleção dos livros identificados os sinais soletrados que são utilizados na cidade de Cacoal, para escolhe os sinais se deu aos que visualmente são mais usados.

Para a realização da grafia foi utilizado o livro Escrita de Sinais sem mistério e a plataforma do SignPuddle, que consta a presença de muitos sinais registrados por pesquisadores em escrita de sinais.

Na Língua Portuguesa faz necessário conhecer a escrita das palavras, na Libras também é importante conhecer como acontece esses registros, pois através da língua uma pessoa se reconhece enquanto sujeito pertencente a um grupo, o sujeito surdo tem seu desenvolvimento e recolhimento da sua cultural quando conhecer sua língua e a gramática. Strobel (2008, p. 44), descreve a Língua de sinais da seguinte forma:

A língua de sinais é uma das principais marca da identidade de um povo surdo, pois é uma das peculiaridade da cultura surda, é uma forma de comunicação que capta as experiências visuais dos sujeitos surdos, sendo que é esta língua que vai levar o surdo a transmitir e proporcionar-lhe a aquisição de conhecimento universal.

Assim como a Língua se faz necessária para o pertencimento ao mundo em que vive, e por ser uma língua gestual-visual a necessidade desses registros de forma escrita se faz necessário para que assim não se perca as informações e possa ser passada de geração para geração e analisadas por outros pesquisadores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A grafia desses sinais soletrados em SignWriting se torna importante para o registro de sinais e dar o pertencimento de uma comunidade, a pesquisa vem para contribuir aos novos pesquisadores da língua, sendo eles principalmente de Cacoal – Rondônia, onde podem se sentir inseridos no sistema onde pouco se produz artigos voltada para área no estado.

Tendo em vista que a Libras é usada em todo território nacional e muitos desses sinais soletrados são utilizados em regiões específicas ajuda a publicação de novas pesquisas, tais registros se torna de tamanha importância, pois contribuíram significativamente para o desenvolvimento acadêmico e construção de novas produções voltadas para a Libras.

Embora esse sistema de registro ser pouco utilizado pela comunidade acadêmica da cidade de Cacoal, faz necessário ter mais pesquisa na área que impulse novas publicações. O que parece um registro meramente acadêmico, contribui como um grão de arroz dentro de uma plantação, ganha cada vez mais força.

A pesquisa se deu com encontros entre os pesquisadores, discussões sobre quais os sinais se encaixariam e como deveria ser realizado, a escrita foi compartilhada e sonhada por pesquisadores que debruçam sobre a temática e vivenciam em sala de aula, salientando que a pesquisa é de caráter bibliográfico-descritivo.

Assim o SignWriting ao ser usado contribui na educação de surdos do Brasil e de Cacoal, a área vem sendo divulgada e ganhando seguidores e novas pesquisas, a criação do curso de Letras Libras em Rondônia ajudou a divulgação e o aprendizado de mais pessoas usando a língua, beneficiando ao povo surdo usuário da Libras, que necessita de acessibilidade linguística. Com isso almeja-se que haja mais acadêmicos que pesquisem sobre o SignWriting paralelo ao uso da língua, que possam ser propagadores da Libras e da Cultura Surda.

REFERÊNCIAS

BARRETO, Madson; BARRETO, Raquel. **Escrita de sinais sem mistério**. 2 ed. rev., ampl. e atual. Salvador, v.1:Libras Escrita, 2015.

BRASIL. LEI Nº10.436. **Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais Libras e dá outras providências**. Publicada no Diário Oficial da União em 24/04/2002.

CAPOVILLA, Fernando César; MARTINS, Antonielle Cantarelli; RAPHAEL, Walkiria Duarte; TEMOTEO, Janice Gonçalves. **Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em suas mãos**. 1 ed. 2. reimpr. v. 2. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2019.

CARNEIRO, Fernando Henrique Fogaça. **Escrita da Língua de Sinais: elementos introdutórios**. 1. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2017. 58 p.

FELIPE, Tanya Amaral. **Libras em Contexto: curso básico**. Livro do professor. 8.ed. Rio de Janeiro: Editora Wallprint, 2008.

KOJIMA, Catarina Kiguti; RAMALHO, Sueli Ramalho. **A imagem do pensamento: Libras**. São Paulo: Escala Educacional, 2012.

PONTES, Anna Jamilly Santos Martins. **Análise fonomorfológica do léxico da Libras relacionados ao campo semântico da História e da Língua Portuguesa**. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Letras). Núcleo de Ciências Humanas, Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2023.

QUADROS, Ronice Muller de; KARNOPP, Lodernir Becker. **Língua de Sinais Brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

RAMOS, Clélia Regina. **Língua de Sinais e Literatura: uma proposta de trabalho de tradução cultural**. Dissertação (Mestrado em Semiologia). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, 1995.

STROBEL, Karen. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis (SC): Ed. da UFSC, 2008.

STROBEL, Karen Lilian; FERNANDES, Sueli. **Aspectos linguísticos da língua brasileira de sinais**. Curitiba: SEED/SUED/DEE, 1998.

STUMPF, Marianne Rossi. **Aprendizagem da escrita de língua de sinais pelo sistema signwriting: línguas de sinais no papel e no computador**. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Centro de Estudos Interdisciplinares em Novas Tecnologias na Educação. Curso de Pós-Graduação em Informática na Educação. Porto Alegre, 2005.